

*Esse ofício de rabiscar sobre as coisas do tempo exige que prestemos alguma atenção à natureza*

A frase que dá título à exposição inicia a crônica *Fala Amendoeira*, de Carlos Drummond de Andrade. Esta pequena história conta que o autor ao atentar-se à amendoeira plantada em frente à sua janela passa a percebê-la diferente das outras árvores da rua e inicia uma conversa com esta árvore que lhe oferece uma profunda reflexão sobre as diferentes formas de passagem do tempo. O autor destaca: essa natureza que não presta atenção em nós. No entanto, o que a crônica nos oferece é exatamente o contrário: somos sim observados por essa natureza, que nos olha, que se espelha, que respira e vive em diálogo conosco. E isso me lembra Didi Huberman *O que vemos só vale - só vive - em nossos olhos pelo que nos olha*.

A investigação poética de Maria Laet tem no corpo o seu agenciador privilegiado, o corpo vivo da artista, um modo de apreensão e interpretação do mundo, um meio de permanência e de pertencimento. Sua prática concebe o tempo como local de inscrição de um conhecimento que se grafa no gesto, no movimento, na coreografia e na superfície da pele. É como se o ato de ver acabasse sempre pela experimentação tátil.

Faz parte da exposição o trabalho *Fôlego*, de 2005, uma das primeiras obras da artista. Nela, um cubo de vidro delimita as dimensões de um balão que foi enchido pela artista num só fôlego. O balão vai murchando aos poucos e o que fica é a o que cabe em uma única puxada de ar. Um desejo de permanência, o corpo da artista ali vivo, uma experiência do quase impossível, do inesperado, a medida do fôlego da artista bem ali na nossa frente.

Maria Laet insiste há muitos anos em rabiscar sobre as coisas do tempo, ou rabiscar o tempo das coisas. O trabalho *Caminho sobre a maré baixa* é o registro de uma ação que demarca a passagem da artista por aquela paisagem recorrendo a uma intervenção, um caminho, que só se torna visível na maré baixa, mas que recebe a água do mar que retorna todos os dias. O mar aqui não é mera paisagem, objeto privilegiado de contemplação, ele vê o gesto e responde ao chamado. O mar visível, exposto à nossa frente, é cheio de humores, esse poder inquietante do profundo. Num jogo rítmico de vai e vem, superfície e fundo, fluxo e refluxo, avanço e recuo, aparecimento e desaparecimento encobre a intervenção da artista dia após dia.

É no olhar atento a essas repetições e as dimensões cíclicas da natureza que os gestos de Maria Laet apreendem o tempo das coisas. Nos colocam frente aos movimentos da natureza, sua capacidade de inscrição no tempo e a sutileza de suas marcas efêmeras, mas de repetições perpétuas.

Ana Rocha, 2023

*This craft of scribbling about the things of our time demands that we pay some attention to nature.*

The phrase that gives this exhibition its title opens the chronicle “Speak, Almond Tree” by Carlos Drummond de Andrade. This little story tells of when its author notices the almond tree planted in front of his window and perceives it as different from the other trees on his street; he then starts a conversation with that tree, which offers him a profound reflection on the different forms of the passage of time. The author points out: this nature *which doesn't pay attention to us*. What this chronicle offers us, however, is the exact opposite: we are indeed observed by this nature, which looks at us, which mirrors itself in us, which breathes and lives in dialogue with us. And this makes me recall Didi Huberman: *What we see is only worth - is only alive - in our eyes through what sees us*.

The privileged agent of Maria Laet's poetic investigation is the body, the artist's living body, a way of apprehending and interpreting the world, a means of permanence and belonging. Her practice conceives time as a site for inscribing knowledge, which is written in the gesture, in movement, in choreography, and on the surface of the skin. It is as if the act of seeing has always ended in tactile experimentation.

Her work *Breath*, from 2005, is included in the exhibition and was one of the artist's first works. A glass cube delimits the dimensions of a balloon filled by the artist in one single breath. The balloon deflates slowly, and what remains is what can be drawn in one single inhalation. A wish for permanence, the artist's body is there and alive, an experience of what's almost impossible, the unexpected, the measure of the artist's breath is right there in front of us.

Maria Laet has insisted for many years in scribbling about the things of our time, or scribbling the time of things. The work titled *Path on the low tide* is the record of an action that signals the passage of the artist through that landscape by way of an intervention, a path, which only becomes visible at low tide, but receives returning seawater every day. The sea here is not merely a landscape, a privileged object of contemplation; it sees the gesture and answers the call. The sea is visible, it's exposed in front of us, it's full of moods, that unsettling power of the deep. In a rhythmic game of back and forth, of surface and bottom, of flux and reflux, advance and return, appearance and disappearance, the artistic intervention is covered up day after day.

It's by carefully looking at these repetitions and the cyclical dimensions of nature that Maria Laet's gestures capture the time of things. They put us face to face with the movements of nature, its capacity for inscribing in time and the subtlety of its ephemeral markings, themselves marked by perpetual repetitions.

Ana Rocha, 2023